

Caros leitores,

É com muita satisfação que trazemos a vocês a edição de número 19 da *SIG Revista de Psicanálise*. Dedicção e entusiasmo moveram a equipe editorial neste trabalho que propicia o compartilhar de temas urgentes que tensionam nosso viver e nossa clínica psicanalítica. Nesta edição, temos o privilégio de contar com o artigo de Anne Egídio Hill intitulado “Psicanálise e racismo: identificação, subjetividade e corpo negro” na seção **Artigo Convidado**. A psicanalista nos traz importantes questões como a constituição da subjetividade, identificação, corpo e racismo, marcando a necessidade de que sejam ampliadas e aprofundadas através da circulação no meio psicanalítico brasileiro, para que seja escutada a demanda de uma grande porcentagem da população negra que está à deriva de seus próprios desejos, considerando o abismo racial brasileiro, fruto de um racismo estrutural. A autora dialoga em seu texto com Piera Aulagnier, Frantz Fanon, Virgínia Bicudo, Neusa Santos Souza e outros consistentes intelectuais que nos demandam reflexões e ações urgentes.

Os trabalhos que compõem a seção **Em Pauta** também abordam temas que nos oportunizam a reflexão sobre contradições e complexos conflitos sociais. Em “O estrangeiro em psicanálise: contribuições a partir das obras de Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira”, Tiasmin Ohnmacht resgata, de forma preciosa, as contribuições teóricas destas autoras negras para a psicanálise brasileira, relacionando o esquecimento de suas obras ao conceito de alteridade em Freud, como modelo de alteridade e/ou submetimento e marginalidade. Luciana Maccari Lara, no artigo

“Bordeando as fronteiras: sobre uma psicanálise definida pela alteridade”, convida-nos a refletir sobre o lugar da alteridade na origem e constituição do discurso psicanalítico, como um eixo fundamental na própria definição de sua teoria e seu método. Em “Bordeando as fronteiras: problemáticas acerca da alteridade nos racismos, nas xenofobias e nas diversidades de gênero”, a psicanalista Carolina Neumann de Barros Falcão problematiza o tema da alteridade nas diversidades de gênero, questionando a escuta psicanalítica em seu alcance e seus limites, ressaltando a importância da escuta do outro considerando as relações de poder envolvidas na construção das subjetividades.

Na seção **Entrevista**, os leitores terão o prazer de uma agradável conversa com o experiente psicanalista Luis Claudio Figueiredo a respeito da transmissão da psicanálise e formação de psicanalistas, perspectivas futuras dos atendimentos remotos e algumas outras questões relacionadas à sua consistente trajetória clínica e de ensino.

Iniciando a seção de **Artigos**, contamos com o instigante trabalho da psicanalista Marion Minerbo, “A criança no adulto: uma ficção necessária”, que parte da reconstrução ficcional da relação entre uma paciente adulta em análise e seu infantil. A preciosa escuta analítica que vai sendo descrita pela autora através de recortes clínicos atuais e imaginários possibilita, de forma muito bela, a evidência das marcas, no adulto, de angústias e defesas infantis que não foram suficientemente elaboradas e que seguem insistindo em aparecer.

Em “Fascismo eterno e a repetição do novo”, Juliana de Azevedo Medeiros nos convoca a olhar para os

temas da identificação, idealização e desamparo, enlaçando-os com “a caracterização plural e contraditória do fascismo eterno e sua vigência atual nos discursos”. Explora essa realidade no contexto brasileiro, questionando “uma repetição mortífera, em que o novo não passa de um passado disfarçado”. Questões necessárias e urgentes, às quais os psicanalistas não podem se furtar a escutar.

“O conceito de resistência na obra de Freud e sua função na psicanálise” é o artigo de Carla Grazielli de Castro Cesário, que nos traz um consistente percurso teórico deste conceito na teoria freudiana, articulando-o com a transferência e com o sintoma. Enlaces potentes que possibilitam aos leitores refletir sobre o paradoxo de a resistência ser ao mesmo tempo obstáculo e instrumento em um processo de análise.

O texto que encerra a seção de artigos, “Sabemos/podemos/queremos ser sós? Subjetivação e análise em tempos digitais”, da psicanalista Lia Pitliuk, brinda-nos com o tema da mediação das tecnologias digitais e as consequentes transformações nos modos de individuação, ressaltando o importante papel da psicanálise na escuta e no acompanhamento da criação de novas formas de vinculação e pertinência.

Já a seção **Resenha** conta com dois textos que promovem importantes reflexões e nos convidam a duas excelentes obras. Em “A psicanálise diante do terremoto pandêmico: travessia de tempos turbulentos”, Adriana Gobbi nos apresenta o livro *Psicanálise e vida cotidiana: desamparo coletivo, experiência individual*, de Ana de Staal e Howard B. Levine. Andrea Mongeló, em “Branquitude: O que é isso? E por que estudá-la?”, traz-nos seus apontamentos sobre a obra *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, de Lia Vainer Schucman.

Todas as questões trazidas pelos autores são muito relevantes, fundamentais não só para a reflexão como para nortear ações que, afinal, instauram e operam o próprio dispositivo psicanalítico, como ética e alteridade. Uma tarefa muito complexa, mas sempre possível.

Boa leitura a todos!

Eneida Cardoso Braga

Editora Responsável

SIG Revista de Psicanálise